

O trabalho tem uma tal fecundidade e uma tal eficácia que se pode afirmar ser ele a fonte única de onde procede a riqueza das Nações.

LEÃO XIII

ANO IV—N.º 75

JANEIRO

1

1 9 5 6



QUINZENÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
GRAFICA LOULETANA
Rua da Carreira, 42-44—LOULÉ—Tel. 216

DIRECTOR
JAIME GUERREIRO RUA

EDITOR E PROPRIETÁRIO
JOSÉ MARIA DA PIEDADE BARROS

Composto e Impresso na TIPOGRAFIA UNIÃO—Rua Tenente Valadim, 30-1.º Esq.—FARO—Telefone 154

Em dia de Ano Novo

A Voz... da Saudade

NESTE primeiro dia do ano de 1956, dirigimos aos nossos prezados assinantes e leitores uma sincera saudação de amizade e formulamos votos por que o ano que, à meia noite, começou a todos traga sólidas prosperidades materiais e, principalmente, aquela felicidade que se traduz em alegria e paz de consciência, que é a verdadeira e segura senda da ventura.

Dispensamo-nos hoje do habitual e quase regular artigo de fundo em que comentamos factos ou ventilamos ideias, para levarmos aos pacientes leitores e, em especial aos louletanos ausentes, a saudação amiga da sua terra. Seremos assim, sem discordâncias nem distinções, a enérgica e uníssona «Voz de Loulé», a voz das mães, das esposas, dos filhos e dos irmãos de quantos, em longínquas paragens do Império ou em remotas terras estrangeiras, trabalham e acumulam, no canto mais seguro do seu coração, a saudade da família, da aldeia, dos montes e da casa em que nasceram, brincaram e viveram.

Queremos assim, neste dia de ano novo, ser um elo entre todos os que mutuamente se desejam um Ano Bom.

Português louletano que estás fóra da tua terra e

(Continuação na 6.ª página)

Maria Campina

DE passagem de Lagos para Lisboa, depois do brilhante êxito que na primeira destas cidades obteve com o concerto que ali deu no passado dia 28, esteve em Loulé a nossa ilustre conterrânea e consagrada artista, D. Maria Campina.

Aqui trocou impressões com algumas pessoas com quem ficou assente constituir-se uma comissão para criar nesta vila uma delegação da Pró Arte, interessante iniciativa do ilustre Director do Conservatório Nacional de Música, Dr. Ivo Cruz e de que beneficiam já várias terras da província.

Maria Campina prometeu a sua desinteressada colaboração e é possível que em breve tenhamos o prazer de a ouvir em concerto que será, talvez, o primeiro e decisivo passo para a criação em Loulé duma delegação de Pró Arte.

Dr. Manuel Rocheta

FOI nomeado para o alto cargo de Ministro de Portugal em Bona (Alemanha Ocidental), o nosso ilustre conterrâneo e prezado assinante, Sr. Dr. Manuel Farrajota Rocheta.

A sua escolha, para chefiar uma tão importante como difícil missão diplomática constitui uma consagração do seu valor e a prova de como foi brilhante o desempenho do cargo de Director Geral dos Negócios Políticos do Ministério dos Negócios Estrangeiros, que ultimamente exercia. Ao Dr. Manuel Rocheta desejamos que na sua nova missão colha os melhores êxitos, quer pessoais quer para o País que tão bem tem servido.

Dr. Guerreiro Murta

O Montepio Geral, a prestimosa e prestigiosa associação mutualista que todo o País conhece, acaba de, em assembleia geral, eleger para presidente da sua direcção, o nosso ilustre conterrâneo, Dr. José Guerreiro Murta, grande figura de destaque no ensino, nas letras e no mutualismo.

Depois de um ano de ausência naquele cargo por imperiosa disposição estatutária, foi o Dr. Guerreiro Murta reconduzido ao cargo que tão brilhantemente desempenhou já e onde é uma garantia do desenvolvimento da grande associação de socorros mútuos.

Congratulamo-nos como sócios do Montepio Geral e como amigos e admiradores do sr. Dr. Guerreiro Murta a quem, por isso, cumprimos.

José da Costa Guerreiro

NA reunião do Conselho Municipal do passado dia 27 a que presidiu, o sr. José da Costa Guerreiro apresentou as suas despedidas, confirmando assim que abandonava a presidência da Câmara Municipal, que durante vários anos dirigiu.

O nosso director, que no Conselho representa as Ordens dos Advogados e dos Médicos, disse então as seguintes palavras: «pelos laços de família que me ligam ao Sr. Presidente cessante, não me compete fazer qualquer referência ao que foi a acção do Sr. Presidente nem comentar os factos que originaram o seu voluntário afastamento».

(Continuação na 6.ª página)

Festa é Festa

- Vem aí o Carnaval, a festa maior de Loulé
- Vasto programa em estudo para as suas Bodas de Ouro

SE as coisas correrem como a Comissão de Festas deseja, Loulé assistirá, por certo, a festas de arromba. O programa em estudo contém numeros inéditos, capazes de causar sensação. A comemoração da data jubilar tudo justifica. Trata-se dum acontecimento merecedor dos melhores esforços e canceiras para nome da terra e das festas que a têm consagrado. A popularidade e a fama do empreendimento, merece e exige todos os esforços, não só da Comissão como de toda a população do concelho.

Seja quem for que sinta vivo orgulho pelas coisas da sua terra, todos aqueles que se considerem louletanos de

eleição, não se podem alhear dum acontecimento tão prestigioso para o bom nome de Loulé. Ninguém, presentes e ausentes, filhos naturais ou adoptivos, amantes ou simpatizantes desta nobre Vila, deixará de prestar o seu contributo para o êxito grandioso que esta comemoração exige. Todos os esforços e auxílios, por mais pequenos e insignificantes que possam parecer, serão sempre bem-vindos e dignos de enaltecer e agradecer. O esforço tem de ser total. Não há lugar para dissensões, amouros ou retaliações, porque a festa é de todos e para todos.

Pensa-se começar as festas no Domingo Magro, com um programa especial, de divertimentos carnavalescos, sem a intervenção de carros alegóricos. Para este dia prever-se-ia um concurso de elegância automóvel (fantasiados e simples), exibição de ranchos folclóricos, concursos de trajes infantis, idem de corridinhos, chegada dos Reis de Carnaval e seu séquito, discurso real, Cortejo dos Paradoxos etc..

Dr. António Frade

Encontra-se bastante melhor de uma grave doença que o acometeu, o Dr. António Frade conhecido médico desta vila e director da Clínica Médico-Cirúrgica de Loulé.

Fazemos votos por que as suas melhoras continuem a acentuar-se como até aqui.

Visado pela Comissão de Censura

BODAS DE OURO do Carnaval de Loulé

O próximo número deste jornal será largamente consagrado às brilhantes festas do Carnaval de Loulé, incluindo numerosas gravuras de outras Batalhas de Flores e suas Comissões Organizadoras e uma desenvolvida reportagem retrospectiva.

“A Voz de Loulé”

INICIANDO-SE no princípio do ano um novo período de cobranças das assinaturas deste jornal, a Administração agradece a todos os seus estimados assinantes, e principalmente aqueles que residam em localidades ou lugares onde não haja serviço de cobrança, o favor de lhe remeterem directamente as importâncias das respectivas assinaturas, evitando assim perdas de tempo e as grandes despesas que este serviço acarreta.

Interesses de Loulé

COMO louletano e amigo desta linda terra e do seu concelho, venho hoje a publ. co formular sinceros votos, para que no ano que ora se inicia se concretizem, realizem ou tenham início os seguintes melhoramentos para o concelho:

- Electrificação das freguesias;
- Abastecimento de água a todas as sedes de freguesia;
- Estudo da rede de esgotos em Quarteira;
- Abertura das estradas, que constituem a maior aspiração de cada freguesia;
- Maior e melhor distribuição de assistência técnica aos meios rurais com instalações de postos de urgência e socorro;
- Maior desenvolvimento da assistência social e sobretudo maior extensão da assistência da Comissão de extinção da Mendicidade;
- Planos de Urbanização de Loulé e Quarteira e planos de alinhamento para as restantes localidades do concelho;
- Construção de bons arruamentos nas sedes de freguesia e localidades mais importantes;
- Ligações telefónicas com Vale Judeu, Sarnadas, Alfentes, S. João da Venda, Montes Novos e Poço Novo.
- Construção de um edificio escolar conveniente, na vila, e respectiva cantina.
- Instalação e funcionamento do Centro de Assistência Social Polivalente.

(Continuação na 6.ª página)

O direito de intervir

Uma das teses mais discutidas (será uma das mais discutíveis?) é a do Direito que têm, os indivíduos que constituem, mercê de circunstâncias várias, a «elite» intelectual dum aglomerado populacional qualquer, de intervir na maneira de pensar e agir daqueles que os rodeiam, sugerindo, aconselhando, demonstrando — numa palavra orientando o seu semelhante.

O problema — facilmente nos damos conta disso — é mais geral e pode, sem grandes artifícios e para modalidade de cálculo, pôr-se assim: Deve a cultura ser monopólio das «elites», ou pelo contrário, cabe a estas, o papel de a difundir, esclarecendo aqueles que por ignorância, preguiça, inconsciência, ou, quantas vezes, por escassez dos indispensáveis recursos materiais, não puderam adquirir um certo número de conhecimentos basilares, capazes de lhes fornecer não só uma visão mais completa do mundo em que vivem e das relações que os ligam a esse mundo, como a ginástica mental que lhes permita a interpolação de noções de pormenor, nos pontos de cada domínio de conhecimento susceptível de ser considerado, sempre que o compêndio (por ser apenas um compêndio) não pôde descer a esse pormenor?

Seja-me permitida uma metáfora que define a minha posição perante este problema:

— O Sol, quando nasce é para todos. A sua luz, não é, nem pode ser, privilégio de alguns. Assim, a luz do conhecimento que nos é dada pela cultura, tem de ser património de todos. Cabe às «elites», por que o são, sob pena de não deverem ser consideradas sob esse prisma, divulgar a cultura, colocando-a ao alcance de todas as bolsas e de todos os cérebros.

Uma «elite» deve ser uma vanguarda, capaz de arrastar irresistivelmente, após si, o «grosso da coluna» da humanidade. Se o não fizer, pretende distanciar-se, deshumaniza-se.

Tal como os factores geográficos solucionam o movimento das grandes correntes oceânicas, e estas por sua vez, regularizam e beneficiam o clima das regiões que banham, assim, também as «elites», deverão agir sobre as massas, que, por sua vez, mais esclarecidas, irão beneficiar o clima dos séculos em que vivem.

O contrário é permitir e gerar desencontros, choques, anomalias, lutas, antagonismos de ordem vária que a ninguém aproveitam.

A acção de conjunto, capazmente orientada é impedir essa conduta anárquica, gerar a Paz, o Progresso, a Ordem e a Harmonia.

E, quero ainda acrescentar, tão sagrado é o Direito ao pão para a boca, como o Direito ao pão para o Espírito. Só uma visão clara e consciente, do que é o Mundo, a Ordem cósmica, o homem, a posição relativa deste em relação à Unidade suprema que é o Universo e também em relação aos outros homens, seus semelhantes e não seus concorrentes na sôfrega luta pela vida (como alguns julgam), os deveres contraídos para com o Passado e para com o Futuro, deveres que resultam da noção da contínua infinidade que é o Tempo, só tudo isso, dizíamos, faculta ao homem uma noção menos errônea de Deus.

Cada homem vê Deus a seu modo e quase todos senão todos o vêem mal. Isso é inerente à condição humana, essencialmente imperfeita. Através da lente da cultura e do conhecimento será possível, creio, combater em parte essa miopia. Talvez mesmo criar uma visão mais uniforme.

O homem mesquinho, deforma a noção de Deus, até a reduzir às proporções ridículas de advogado dos seus torvos negócios particulares.

A noção de Deus, tem que estar muito acima desses conceitos estrábicos. Vejamos antes na maravilhosa, harmónica e matemática Ordem Cósmica, a cúpula do edifício magestoso que pode ser expresso em linguagem analítica

$$SSSS +_{00} -_{00} dx dy dz du$$

isto é, um integral tetradimensional (consideradas as tres dimensões es-

peciais comuns e o Tempo como quarta dimensão) na amplitude que vai de menos infinito a mais infinito.

Consideremos ainda, Deus, se é que temos necessidade de o interpretar à «escala humana», como o arquitecto sublime, capaz de erguer tal construção e vejamos que nada, absolutamente nada, daquilo que nos maravilha no campo da Ciência, foi criado pelo homem, mas apenas interpretado.

E' bela e harmoniosa a forma dum espiral, não é? Ei-las em cada região do Espaço as nebulosas espirais as galáxias, na sua harmonia inultrapassável.

E' belo e transcendente o conceito de Infinito. Pois bem. Eis o Tempo, dimensão que o homem não criou, a ensinar-nos o que é um Infinitamente grande. E a cidadela atómica, não é uma primeira aproximação do conceito do Infinitamente pequeno?

Vamos para o campo da anatomia? Contemplemos a maravilha de mecânica que é esse órgão estranho, ao qual os poetas e amorosos, atribuem as suas infelicidades: — um coração humano.

E no domínio geral da biologia, aí temos a pureza das expressões matemáticas nas leis de Mendel.

Tanta beleza e maravilha juntas nos curtos domínios já explorados pelo homem...

E o que virá a ser descoberto quando forem ampliados esses domínios, fazendo recuar as fronteiras do desconhecido?

Não se considerem pois as «elites» um fim em si próprias, mas um meio. Far-lhes-á bem, uma noção da relatividade do seu significado. E caminhemos juntos todos, os mais preparados orientando os menos preparados, que a riqueza na Terra é transitoria e pouco significa. A única riqueza digna de ser alcançada é a Verdade e isso não é empresa para homens Isolados. Só um lento e consciencioso trabalho de conjunto, permitirá sucessivas aproximações. Na procura da verdade:

também o homem é um meio, não um fim.

O meu valor como meio é dar passagem a quem, chegado depois de mim, quizer passar para além.

... Pois se alguém chegar ao Fim atinja o Fim, nesse alguém...

Talvez estas linhas sejam o devaneio dum ingénuo. Talvez não... Na afirmativa, guardo uma consolação: — é bela esta ingenuidade.

Terão as «elites» o direito de intervir? Talvez não. Talvez tenham o dever...

O dever de cumprir uma missão, como elementos executórios que são (queiram ou não reconhecê-lo) de qualquer coisa mais alta, pre-existente e que se prolongará por milhões e biliões de milénios, para além da sua morte e transmutação na retorta universal.

Essa coisa que os transcende, chamem-lhe Deus, Criador ou Infinito, tanto faz, porque o conteúdo dessas palavras é idêntico. Mas, pelo que houver de mais sagrado para cada um, não lhe chamem o Acaso, por que me dá a sensação de que consideram o Universo, filho de pai incógnito.

E, a terminar, prezado leitor se tiveste a amabilidade e a paciência de me acompanhar até aqui; — O Acaso seria capaz de conceber uma «Espir-
al»?

Manuel Pedroso Gonçalves

QUINTA

Compra-se, no Algarve, de 100 a 200 hectares, para lavoura e criação de gado, com abundância de água. Informar para este jornal.

VIDA DESPORTIVA

DEPOIS de sancionada superiormente a eleição respectiva, tomaram posse os corpos directivos da Associação de Futebol de Faro, assim constituída:

Assembleia geral—Presidente, Dr. António Teixeira Marques; Secretário, Amílcar Nepomuceno Aleixo Fazenda; Secretário, Eduardo Arcanjo.

Direcção—Presidente, Dimas de Almeida Duarte Lima; Vice-presidente, João Folque e Brito; Secretário-geral, Alvaro Mendes Martins Manso; Tesoureiro, João Sequeira Martins; Tesoureiro-adjunto, Augusto de Sousa Teixeira; Vogais, João Carneiro Jacinto e Fernando Grade Silvestre.

Conselho jurisdiccional—Dr. Carlos da Costa Picoito, Dr. João Cardoso e Dr. Manuel Gonçalves.

Conselho de contas—Dr. Leonel Rosa Agostinho, Dr. Orlando M. da Silva Teixeira e Frederico Coutinho Rato.

Conselho técnico—Dr. António Ribeiro da Conceição, António Guerreiro da Silva Gago e Manuel José Pedro Tavares Júnior.

Torneios Populares de XADREZ

A revista portuguesa de Xadrez «Xeque Mate», a fim de contribuir para a expansão da modalidade em terras lusitanas e simultaneamente assinalar a passagem do seu primeiro aniversário, vai promover a realização de torneios populares de xadrez, abertos a todos os praticantes da modalidade, quer estejam ou não filiados em grupos.

O regulamento dos torneios, que permite a inscrição de todos os xadrezistas, indiferentemente da sua situação geográfica, será enviado gratuitamente contra pedido dirigido à redacção da revista, sita na Rua Luciano Cordeiro, 19, r/c Esq. em Lisboa.

BATERIAS TUDOR

As melhores e mais afamadas do mercado

Agência oficial em Loulé

Garage Avenida

Venda e troca de baterias

Estação de serviço com lubrificantes SHELL
TELEFONE 135

Ofereça a sua esposa uma Panela de Pressão

Poupará dinheiro...

Trabalho... Tempo...

As melhores marcas

aos melhores preços

Vendas a prestações

mensais de 47\$00

(PRESTO); 49\$00

(UNIVERSAL) e 58\$00

(Universal)

Agente em LOULÉ

Eduardo Correia

Telefone 82

Usado pela Comissão de Censura

Guarde recordações de seus filhos...

O primeiro passinho vacilante do bebé, o seu sorriso inocente... tão naturais e verdadeiros como eram nesse instante! Mais tarde será difícil lembrá-los.

Fixe para sempre esses instantaneos com uma boa foto tirada na

FOTOGRAFIA
Guerreiro Padre, Suc.

Avenida José da Costa Mealha

L O U L É

1.º de Dezembro de 1640

(Continuação do número anterior)

No dereseito das promessas feitas pelos seus antecessores, Filipe IV de Espanha começa a mobilizar tropas portuguesas que empregaria ao serviço de Castela mas, pagas pelos cofres portugueses, D. João, Duque de Bragança, é nomeado governador de armas do reino e tenta-se assim, ao mesmo tempo, satisfazer a possível vaidade do duque e dissuadir a fidalguia das suas ideias de libertação, colocando aquele, que por todos era considerado o legítimo futuro rei de Portugal, num lugar que só poderia ser oferecido a um leal servidor do rei de Espanha. — D. João soubera-se pôr fora de toda a suspeita durante as alterações de Évora e, depois, negando se a receber emissários dos revoltosos e fingindo-se até doente, durante muito tempo. Conseguiu assim iludir espanhóis e portugueses que o julgavam desinteressado do trono que, por direito, lhe pertencia.

O próprio duque de Bragança recebe ordens de mobilizar tropas, das suas terras, para combaterem na Catalunha. A obediência mais convence os espanhóis que lhe perdem receio e os portugueses que se receiam de não ter chefe para a libertação.

Entretanto com estas e outras atitudes, com manha ia D. João desviando suspeitas, mas nem por isso, deixava de estar indicado para ir comandar as tropas que seguiriam em breve para a Catalunha. Estávamos em 1640. De há muito se acumulavam ódios contra os ministros espanhóis: Miguel de Vasconcelos, em Portugal, cada vez mais empenhado em transformar o país numa província espanhola e Diogo Soares, genro daquele, em Espanha, que em carta dirigida ao sogro dizia, injuriosa-

mente, dos fidalgos portugueses: «não há que fiar deles que todos são filhos do pai que vós conheceis» ou ainda aconselhava — «enganá-los e cavalgar-lhes as parentas».

A onda de revolta crescia na mesma medida em que aumentavam os crenes nas profecias do Bandarra e no regresso de D. Sebastião numa manhã de nevoeiro. — O sonho dá vida à realidade e tempera as forças para as grandes empresas. Passa-se à acção: De há muito que os fidalgos conspiravam: D. Miguel de Almeida, D. António de Almada, os irmãos Jorge de Melo e Francisco de Melo, António de Saldanha, o ilustre sacerdote D. João Pereira, o notável arcebispo de Lisboa D. Rodrigo da Cunha, D. António de Mascarenhas considerado como o maior do que todos no descontentamento, Pedro de Mendonça que como íntimo do duque de Bragança o ia pondo ao corrente do que se conspirava e muitos outros planeavam o golpe decisivo. As revoltas na Catalunha e o próximo envio das nossas tropas para lá aconselhavam decisões rápidas que se não coadunavam com a atitude cautelosa e os receios de D. João. O procurador da casa Bragança, Dr. João Pinto Ribeiro, é chamado ao seio dos conspiradores e dá-lhes o sábio e atrevido conselho: «só um cometimento temerário prometia e segurava o remédio e que, ou o Duque consentisse ou não, o aclamassem, que maior perigo corria ele nas suspeitas que no feito e que a certeza desta verdade lho reduziria».

Tio Anica

[Continua no próximo número]

Mande fazer os seus cartões de visita na

Gráfica Louletana

"Loulé... em retrato" Ecos de ALTE

A Semana de Boas Festas, prossegue com entusiasmo, alegria e boa disposição.

Há porém uns mensageiros de boas festas, para quem a semana tem sido penosa de trabalho... São os distribuidores dos C. T. T. que, segundo parece, têm tido, este ano, muito que fazer. Parece que há muito tempo se não registava uma tal cornocópia de bilhetes, cartões, postais, impressos, fotografias e calendários!

E' sempre um acto agradável dar ou receber as Boas Festas e parece que esta mensagem cristã, transmite um elo de solidariedade e bondade humana. Tal vez que, a difusão de tantos cumprimentos de boas festas, traduza um espírito de fraternidade entre os homens, tanto mais de apreciar, quanto é certo que a maldade de alguns se revela mais acentuadamente diabólica e perversa.

A Festa dos Estudantes, no dia 28, decorreu com extraordinária animação, graça e elegância.

Dizem nos que há muito se não realizava uma soíréa tão distinta e brilhante na nossa terra.

Acorreu muita gente de fóra, dansou-se até de madrugada, não faltaram algumas pilhérias, próprias de estudantes, e os resultados foram compensadores para a instituição de caridade a que se destinavam.

Bem hajam os estudantes pela ideia que tiveram, pelo trabalho e esforço dispendido e pelos resultados que colheram.

Ecos do AMEIXIAL

No dia de Natal foram distribuídos, pelo prior desta freguesia, Reverendo Joaquim Fernandes Moreira, donativos a 41 famílias pobres.

E' bastante louvável esta iniciativa e oxalá frutifique, pois actos desta natureza só enobrecem quem os pratica.

Devido às ultimas chuvas torrenciais, a Ribeira que separa o sítio dos Vermelhos da sede desta freguesia tem trazido uma enorme cheia, tornando impossível a sua travessia, o que origina graves consequências.

Ainda recentemente, tendo falecido uma criança de 1 ano de idade naquele sítio, teve de estar 3 dias sem ser sepultada, devido a não ser possível transportá-la para o Ameixial.

Também a uma senhora residente nos Vermelhos, gravemente doente, foi impossível prestar a necessária assistência médica por a cheia da Ribeira tornar impraticável a sua travessia.

Esperamos que bastem estes dois exemplos para atestar a imperiosa necessidade de se construir um pontão sobre a ribeira, naquele sítio e cremos que por isso, as autoridades competentes providenciarão.

C.

Cumprimentos de Boas Festas

Tiveram a gentileza de nos enviar cumprimentos de Boas Festas, o que muito agradecemos, os senhores:

Hermenegildo Neves Franco, Manuel dos Santos Cabanas, Rafael Almeida Santos, A. Garibaldi, Constantino Carusca Jorge, José Conceição Dourado, José Martins Rainha, Diogo Batista, Luís Sebastião Peres, A Direcção da Casa do Algarve em Lisboa, Comandante e Corporação da P. S. P. Chefes e Agentes da P. I. D. E. de Faro, A Direcção da Associação de Futebol de Faro, Carlos da Piedade Vieira.

No dia de Natal tiveram a gentileza de vir à nossa redacção apresentar cumprimentos de Boas Festas, as prestimosas Filarmónicas locais, Sociedade Filarmónica União Marçal Pacheco e Sociedade Filarmónica Artistas de Minerva, gentileza que muito nos penhorou.

Loulé, vai tendo algumas indústrias que parecem querer reagir contra a decadência que noutros sectores—nomeadamente no espiritual e na vida social—se vai acentuando.

Assim, há dias, vimos malas feitas já com certo pretenciosismo, a imitar fabrico estrangeiro, colchões de arame e mosaicos, feitos em Loulé, que nada destoam do que de melhor se fabrica nos grandes centros.

Os louletanos deviam acarinhá-las estas organizações industriais pois das as condições de trabalho e o espírito industrioso que possuem os seus artistas, por certo que poderiam marcar posição destacada no campo económico da província.

Continua a falta de luz e o aumento do consumo do petróleo e de chaminés de candeeiro.

Já repararam na arrelia que dá quando temos de passar da luz eléctrica para o candeeiro de «querozén»?

Desabituaados como andávamos, há muito quem não saiba cortar a torcida, evitar o morrão e limpar a chaminé.

E quando há um certo sincronismo no acender do candeeiro, ao mesmo tempo que se acende a lâmpada, depois se apaga aquele e esta se vai, que até parece um jogo de cabra cega às escuras.

Quando acabarem estes tormentos!

Não démos notícia que este ano se tivesse realizado a já tradicional festa da distribuição de prémios aos melhores alunos louletanos.

(Continuação na 8.ª página)

— Este aldeia teve a honra de ser visitada no dia 25 de Dezembro pelo sr. Dr. Quirino dos Santos Mealha, nosso ilustre comprovinciano e Presidente da Direcção da F. N. A. T.

— Encontram-se dignas de ser apreciadas as nascentes de água existentes em Alte e a pitoresca ribeira que lhe passa junto.

— Realiza-se no dia 22 do próximo mês de Janeiro, nesta localidade, a tradicional feira de S. Vicente à qual vai ser dado maior desenvolvimento.

— Encontra-se gravemente enfermo o sr. Manuel Cordelro, conceituado comerciante em Alte, a quem desejamos rápidas melhoras.

— Com 74 anos de idade, faleceu há dias o sr. Bento Martins Mendes, casado, proprietário, que residia em Santa Margarida, desta freguesia.

— Também neste mês se realizaram os funerais de Teresa da Luz Oliveira, de Benafim; Joaquim Alves, do sítio da Perna Seca; Clara da Palma, do sítio do Cerro; Manuel Francisco Faleira, de Penina; Maria Sebastiana, mulher de José Correia, e Maria da Conceição Cabrita, mãe do nosso amigo José da Silva Júnior.

Apresentamos às famílias enlutadas as nossas condolências.

— A passar a quadra do Natal com suas famílias estiveram em Alte os srs. Dr. José Francisco Nunes Guerreiro, sua esposa e filho; Carlos Cabrita e sua esposa; Dr. Francisco Espinhosa, sua esposa e filha; Vitor Lã, sua esposa e filha; Porfirio Fernandes, sua esposa e filha e os estudantes Maria Helena Silva, Luis Filipe Madeira e José Cabrita Madeira.

— O sr. Dr. Manuel Sequeira de Figueiredo, nosso ilustre conterrâneo, residente em S. Paulo, Brasil, nunca se esquecendo dos pobres de Alte, também este ano, pelo Natal, enviou os seus generosos donativos.

Bem haja este bom filho de Alte.

— Realizou-se no dia 25 deste mês em Tavira o casamento da sr.ª D. Maria Luisa Duarte Rodrigues, natural deste povo, com o sr. António Rosa, natural de Tavira. Foram padrinhos por parte da noiva o sr. Joaquim da Silva, comerciante, de Alte, e sua esposa, e por parte do noivo os seus irmãos srs. Armando Romão Rosa e D. Ilda Romão Rosa, de Tavira. Aos noivos desejamos muitas felicidades.

— As ultimas chuvas causaram grandes prejuizos na região serrana desta freguesia, e em virtude de ter caído uma tromba de água na área da Quinta do Freixo, a ribeira que passa nesta localidade adquiriu tal volume de águas que ultrapassaram as grades da ponte, correndo caudalosamente pela estrada e pondo em perigo as casas vizinhas e uma camioneta de passageiros que se encontrava na mesma estrada.

— Tivemos o prazer de abraçar neste Povo, o nosso estimado amigo sr. Amadeu Pedro da Cruz.

28-12-55

José Vieira

Poupe dinheiro e viaje com segurança

usando no seu automóvel

Pneus M A B O R

A' venda no Stand do Agente

José de Sousa Pedro

LOULÉ

Relembrando António Aleixo

NAS colunas deste jornal li há tempos um belo artigo de homenagem a António Aleixo, em que se ventilava a ideia de perpetuar a memória do poeta.

Movido pelo desejo de que essa homenagem se concretizasse, quero também render preito a esse singular improvisador, citando um facto que, suponho, a maioria dos louletanos ignora.

Refiro-me ao notável sucesso alcançado por um original de António Aleixo, intitulado o «Auto do Curandeiro», representado no palco da Sociedade Guilherme Cossoul, em Lisboa, há cerca de cinco anos.

E' fóra de dúvida que constituiu uma grande honra para o nosso saudoso comprovinciano, o facto de «O Auto do Curandeiro» subir à cena na capital do país. Mas, para que o leitor possa fazer uma ideia exacta da justíssima consagração que então lhe foi tributada, transcrevo o seguinte período de uma crítica inserta no «Século Ilustrado», a quando da sua representação:

«O Auto do Curandeiro» é uma revelação. A gente tem forçosamente de perguntar até onde chegaria António Aleixo se continuasse a viver. Na beleza dos conceitos no simbolismo das figuras na simplicidade dos processos, na maravilhosa ingenuidade do enredo, o poeta algarvio deu uma lição modelar e portuguesa de teatro popular. Tudo na sua peça é fluente, fácil e acessível. Sem perder uma só parcela do seu encanto, todo o mistério fica à vista do público e pode ser discernido por qualquer espectador. O curandeiro, as senhoras vizinhas, o pai agra-

decida, o doente, o médico—são figuras arrancadas à vida e transpostas para o palco com um mínimo de convencionalismo e um máximo de sabor humano. Felizmente, António Aleixo não possuía a menor cultura teatral. Fez teatro à sua maneira como supunha que devia ser o teatro. E acabou, pura e simplesmente, por fazer verdadeiro teatro».

Eis como a crítica enaltece uma obra do malogrado vate que, não há muitos anos, calcurriava as artérias da nossa terra, vendendo jogo de lotaria, sem que já mais a sorte o bafessasse. Muitos dos seus versos andam hoje na boca do povo e já mais poderão ser esquecidos. São um repositório de observação psicológica e refletem bem a sua alma de artista e de sonhador. Porque António Aleixo foi, inquestionavelmente, um caso raro de vocação poética.

Loulé, terra de tradições, onde o poeta viveu quase toda a sua vida (e donde são naturais os seus pais e filhos) tem de homenagear condignamente a memória de um dos poetas mais populares de Portugal, dando o seu nome a uma das principais artérias da Vila ou erguendo o seu busto no lugar próprio.

Que estas linhas sirvam de estímulo para que essa dívida de gratidão não deixe de prestar-se a quem, no campo da poesia, pode ser considerado como um valor da nossa terra, pois que, apesar de ter nascido acidentalmente em Vila Real de Santo António, Aleixo considerava-se louletano.

(Faro) A. B. Marum

Notícias de ALBUFEIRA

A contar para o torneio regional de basquetebol defrontaram-se no campo de jogos do Imortal o cinco do Ginásio Clube Olhanense e do Imortal.

O Imortal dando réplica constante, conseguiu manter-se na vanguarda dos êxitos, superando-se ao adversário. Perto do final a defesa do Imortal, consentiu que o Ginásio passasse a vencer, para no último segundo da partida o Imortal empatar, terminando assim com o resultado de 33-33.

— A fim de passar o Natal com seus pais, esteve entre nós alguns dias, o nosso assinante em Lisboa sr. José António Rodrigues.

V. Ex.ª deve

confiar a execução dos seus trabalhos tipográficos à Gráfica Louletana, se deseja aliar à perfeição a economia.

Se deseja

comprar máquinas industriais e agrícolas, visite o Stand de José de Sousa Pedro

Rua 5 de Outubro, 29—LOULÉ

José Guerreiro da Piedade

Proprietário da Alfaiataria Astória

Cumprimenta os seus Ex.ªs Clientes e Amigos, desejando-lhes Festas Alegres e Feliz Ano Novo

Av. José da Costa Mealha

Humanismo

Auxílio do Natal da Casa do Algarve

Pelo Dr. Vergílio Passos

DENOMINA-SE Renascimento a corrente intelectual que causou profunda transformação na vida espiritual da Idade Média, sob o ponto de vista artístico, científico e literário.

Esta corrente, começada em Itália no século XIV, adquiriu todo o seu vigor no século XV e princípios do século XVI, estendendo-se igualmente a todo o Ocidente.

O Renascimento, nas artes plásticas, alcançou o maior florescimento no século XVI com as obras de Leonardo da Vinci, Rafael e

Miguel Angelo, e degenerou no século XVII no gosto e estilo barroco.

O Humanismo é o Renascimento que se refere à restauração das literaturas grega e latina, ou melhor, ao conhecimento das faculdades humanas através das diversas obras da antiguidade clássica. Podemos mesmo definir Humanismo como o conhecimento do homem feito pelo próprio homem.

Esta corrente intelectual designou-se com o nome de Renascimento porque mostrou de novo tudo quanto se conservava da literatura clássica, fazendo-a objecto de um novo estudo. Os manuscritos clássicos, que durante séculos tinham permanecido esquecidos nas bibliotecas dos mosteiros, foram difundidos e apreciados pelos estudiosos.

As características do Renascimento são: o estudo da vida real dos antigos povos grego e romano; a tendência subjectiva que se manifesta pela contemplação das belezas da natureza; a afirmação do critério pessoal pela observação directa e investigação de tudo que rodeava o homem.

Na Idade Média, as inteligências subordinadas ao espírito aristotélico cristalizaram em formas rígidas e inflexíveis. A literatura clássica não ficou totalmente esquecida durante a Idade Mé-

(Continuação na 6.ª página)

Omissão lamentável

Por uma daquelas falhas sempre lamentáveis, a Comissão de Festas do Carnaval omitiu o nome dos obreiros em Lisboa das festas e grande amigo da causa carnavalesca, o sr. Pedro de Freitas.

Em nome da Comissão apresentamos desculpas àquele nosso amigo pela falta involuntária.

A Comissão de Beneficência da Casa do Algarve de Lisboa fez, em 19 de Dezembro, na sede da referida colectividade, a sua tradicional distribuição de peças de vestuário, agasalhos, latas de conservas de peixe e dinheiro, a todos os algarvios pobres residentes em Lisboa inscritos para a mesma.

Este ano foram contempladas 260 famílias, excédendo 560 o número de beneficiados.

A distribuição foi precevida de uma prática alusiva ao acto feita pelo rev.º Padre João Soares Cabeçadas, muito devotado algarvio e culto capelão da Armada.

Dirigiram carinhosamente os respectivos trabalhos e colaboraram na angariação de donativos para tão simpática obra, as senhoras de Graça Mira, Libânio Correia, Guerreiro Murta, Quirino Mealha, Ferreira Canelas, Mateus Moreno e Farrajota Rocheta, Dr.ª D. Maria João Lopes do Paço e D. Maria Julieta Carrasco, e os srs. Eng.º Sande Lemos, Amadeu Ferreira d'Almeida, A. Libânio Correia, Dr. Humberto José Pacheco, Jerónimo Gregório Marcos, H. Neves Franco, Fernando Camacho e Martins Ferreira.

LOULÉ... em retrato

(Continuação da 3.ª página)

nos. Não queremos saber dos motivos determinantes da interrupção de tão notável iniciativa cultural. Temos que registar mais a perda de uma aquisição de carácter espiritual que poderosamente contribuía para a elevação do nível intelectual de Loulé. Pela brilhante sessão a que dava lugar, pelo estímulo e incitamento que constituía para os estudantes de Loulé, pela nota de bom tom que dava à nossa terra.

Mais uma manifestação do espírito de Loulé que se vai... —Reporter X



Agradecimento

A família de Maria Francisca, na impossibilidade de o fazer por outro meio, vem, por intermédio deste jornal, agradecer a todas as pessoas que se dignaram tomar parte no funeral realizado em Salir no dia 18 de Dezembro.

A todos manifesta a sua gratidão.

Não temas do amor o doce enleio...

Oh bela Dulcineia dos meus sonhos,
Oh ilusão fugaz dos olhos meus!
Destes olhos descrentes e tristonhos
Por tanta ingratidão que vê nos teus.

Adoça um pouco esse sorriso agreste,
Inclina um tanto essa beleza austera
Sobre o farrapo que de mim fizeste,
Fruto do amor, do sonho, da quimera.

Não temas da visão a negra côr,
Nem vejas na imagem uma lição
P'ra quem, por muito amar, é pecador.

Não temas do amor o doce enleio
E se sentires cingido o coração,
Dá-lhe o abrigo do teu nêveo seio.

Sérgio Madeira

Gracinhas... de Café

SENTADOS nos bancos altos de um café da vila e com razoável número de copos vazios à frente, falando em voz, a que a bebida já dava certa força, um velhote do campo e um rapazito em idade de tirar a sorte ambos com jeitos de terem terras de cortiça — travavam a seguinte conversa:

— Oh rapaz! Deus Nosso Senhor criou a vinha, p'ra quê? P'ra dar uvas! E as uvas p'ra quê? P'ra dar vinho! E o vinho p'ra quê? P'ra matar a sede à gente, homem!

— E p'ra que é que ele criou a sede?

— P'ra gente beber vinho, rapaz!

— Pois sim, mas a gente bebe o vinho e as uvas stá com uma «manta» qu'até roja os cadilhos p'lo chão!

— Oh, homem! Mas a gente, bebe só, até que seja «legal». Dai p'ra frente, para-se e vamos p'ra casa.

— O ponto é a gente saber até onde é que é esse «legal»... A gente começa a beber e daí já não sabe onde é que ha-de travar...

— Ora essa, hein! Então tu não sabes quando é que estás «bebedo» ou não?

Já vejo que tenho de te ensinar. Vês aqueles dois senhores que estão além, naquela mesa? Quando tu, olhares p'ra lá e veres quatro, em vez de dois, levanta-te e vai-te embora!

— Essa é boa! (e o rapaz ria a bom rir, pois além, só está um senhor)

Assinantes novos Rui Eduardo Centeno

Temos a satisfação de registar hoje, como assinantes do nosso jornal, mais os Excelentíssimos Senhores:

Tomé Cavaco da Silva, e Manuel Laginha, **Canadá**; Alvaro Mestre Murta, Manuel de Sousa Frederico e José Francisco de Brito Junior, **Venezuela**; Daniel de Sousa Ramalho, **Setubal**; Manuel da Palma e José Guerreiro João, **Salir**; Manuel Montes, **Salvada-Beja**; Olimpia Madeira Guerreiro de Carvalho e José de Sousa Elias, **Lisboa**; D. Ilda Nogueira Cavaco, **Argentina**; António Manuel Madeira Guerreiro, **Amadora**; Fernanda Rodrigues Jerónimo Eusébio, **Lagos**; Maria Manuela Reis, **Lisboa**; José Francisco Vicente Grosso, **Luanda-Angola**; Eng.º Joaquim Farrajota Laginha, **Minas da Borralha**; Primo de Sousa Pereira, **Boliqueira**; Joaquim Coelho, **Faro**; Rafael Rosa de Sousa, José Gomes Romeira Morgado, Dr. Aires de Lemos Tavares, Dr. Manuel Andrade e Silva, José de Sousa Mendes, Gabriel Madeira Guerreiro, José Ribeiro Ramos, Manuel Sérgio Viagas, Helder Cavaco Tavares, Hercúano Pedro das Neves, D. Sebastiana da C. Ascensão Pablos, D. Maria Julieta Domingues e Manuel Semião

Foi nomeado chefe da Secretaria da Camara Municipal de Olhão o nosso prezado amigo e assinante sr. Rui Eduardo da Glória Centeno que durante 2 anos exerceu o cargo de Tesoureiro da Camara Municipal de Loulé.

Funcionário zeloso e pessoa apuradíssimo trato, conquistou nesta vila numerosos amigos, tendo sido um valioso elemento na realização das Batalhas de Flores de 1955.

Desejamo-lhes as maiores felicidades no cargo a que pelos seus méritos, agora ascende.

Pintassilgo, **Loulé**; João da Cruz Floro, José Francisco Lima Grilo, José Dias Correia, menina Maria Suzete Guerreiro Marum, e Joaquim Fragoso Marcos, **Areeiro-Loulé**; João Rodrigues Ramos, **Valjudeu-Loulé**; D. Adília Maria Guerreiro de Sousa.

Se Vossa Ex.ª aprecia

BÔM CAFÉ

COMPRE-O

Moído na própria hora no estabelecimento de

António Pereira Guerreiro

Avenida Marçal Pacheco, 14

Telefone 115 LOULÉ

DÊ ASAS

aos seus dedos com uma

nova **HALDA**

A melhor máquina de escrever do Mundo

Peça uma demonstração ao Agente no Concelho de Loulé

José Lopes Rodrigues

DROGARIA LIS

Telefone 76

ALFAIATARIA

Paltis

Bernardo Gonçalves Inácio

Deseja um FELIZ ANO NOVO a todos os seus prezados Clientes e Amigos

CASAMENTOS

—Na capela de Santa Margarida, (arredores de Tavira), realizou-se no dia 28 do passado mês, o enlace matrimonial da sr.^a D. Maria Eduarda Fernandes dos Santos, professora oficial, preçada filha da sr.^a D. Ermelinda Vicente Santos e do sr. João Luís dos Santos (falecido), com o sr. Luís Carapeto Dias, funcionário dos Caminhos de Ferro e nosso prezado amigo e assinante em Tavira, filho da sr.^a D. Maria da Conceição Carapeto Dias e do sr. José Rosa Dias (falecido).

Apadrinharam o acto por parte da noiva o sr. José de Oliveira e sua esposa sr.^a D. Joaquina de Oliveira, residentes em Tavira e por parte do noivo o sr. António Martins Barriga residente em Boliqueime e a sr.^a D. Catarina da Conceição Gil, esposa do sr. Manuel Joaquim Junior, funcionário da C.P. residente em Tavira.

Após a cerimónia religiosa foi oferecido um lauto «copo d'água» aos convidados em casa da mãe da noiva.

—No pretérito dia 18 celebrou-se na Igreja Matriz desta vila, o casamento do sr. Manuel António de Sousa, filho do sr. Manuel António de Bitá e da sr.^a D. Maria da Glória de Sousa, com a sr.^a D. Idalina Correia Oliveira, filha do sr. António Martins Oliveira e da sr.^a D. Maria das Dores Dias.

Paranifaram o acto por parte da noiva as sr.^{as} D. Serafina das Dores e D. Felizmina Correia de Oliveira e por parte do noivo os srs. José Viegas Veiga e José de Sousa Mendes.

Após a cerimónia religiosa foi oferecido um fino «copo d'água» aos convidados em casa dos pais da noiva, na Cruz da Assomada.

—No passado dia 18 realizou-se na Igreja de S. Lourenço (Almancil), a cerimónia do casamento da sr.^a D. Ivone Quaresma Pacheco gentil e preçada filha da sr.^a D. Maria do Carmo Quaresma Pacheco e do sr. Manuel Custódio Pacheco, moradores em Faro, com o nosso amigo sr. Libânio Rodrigues da Palma, tesoureiro da Caixa Geral de Depósitos na Agência desta vila, filho da sr.^a D. Maria das Dores Palma Rodrigues, também daquela cidade, e do sr. Joaquim Pereira Rodrigues, já falecido.

Foi célebrante o Rev. Padre João Coelho Cabanita, Prior da freguesia de S. Clemente, nesta vila.

Foram padrinhos por parte da noiva a sr.^a D. Maria Emília Rocha Moreira e do sr. Alberto Pereira da Palma e por parte do noivo a sr.^a D. Maria da Saúde Pereira Rodrigues e o sr. José Pereira Rodrigues.

Na casa dos noivos, nesta vila, foi servido um lauto «copo d'água» e viam-se na «Corbeille» muitas, lindas e valiosas prendas.

—No pretérito dia 18 de Dezembro, teve lugar na Igreja S. João de Deus em Lisboa, o enlace matrimonial da sr.^a D. Lidia Miguel Figueiras preçada filha do nosso prezado assinante sr. António José Figueiras, e da sr.^a D. Maria Josefa Figueiras, com o sr. José Maria Mendes comerciante na nossa praça, filho do sr. Joaquim Canário e da sr.^a D. Maria da Conceição Mendes.

Apadrinharam o acto por parte da noiva o sr. Manuel Guerreiro Pereira e sua esposa sr.^a D. Josefa Espadinha Corpas Pereira e por parte do noivo o sr. Carlos Martins Gomes e sua esposa sr.^a D. Maria Neto Gomes.

—No pretérito dia 24, celebrou-se na Igreja de Santa Barbara de Nexe o casamento do nosso prezado conterrâneo e assinante em Setúbal sr. José de Sousa Madeira, filho do sr. Francisco Madeira Cavaco e da sr.^a D. Lucília de Sousa Mendes, residentes em Fonte d'Apra, com a sr.^a D. Maria da Conceição Paulos, filha do sr. José Viegas Paulos e da sr.^a D. Maria da Conceição Cavaco, residentes em Santa Barbara de Nexe.

Apadrinharam o acto por parte do noivo, seus irmãos, srs. Américo de Sousa Madeira e Edmundo de Sousa Madeira e por parte da noiva as sr.^{as} D. Maria João Mendes Luz, e D. Maria José Pedras.

Após a cerimónia religiosa foi oferecido um fino «copo d'água» aos convidados em casa dos pais do noivo.

Os noivos seguiram em viagem de núpcias para Setúbal onde fixaram residência.

—Na Igreja Paroquial da Fuzeta realizou-se no pretérito dia 18 o enlace matrimonial da sr.^a D. Maria Dina Mártires Neves, filha do sr. Sebastião das Neves e das sr.^{as} D. Maria dos Mártires Neves, residentes na Luz de Tavira, com o sr. Joaquim Silvestre Marinho, funcionário dos Caminhos de Ferro e nosso conterrâneo e prezado assinante nesta vila, filho do sr. Joaquim António Marinho, Chefe de Estação dos Caminhos de Ferro, aposentado, residente em Almada e da sr.^a D. Alexandrina Murta Silvestre, residente em Loulé.

Apadrinharam o acto por parte da noiva o sr. Laurentino Gonçalves, comerciante em Tavira e sua esposa sr.^a D. Suzete Gonçalves e por parte do noivo o sr. Joaquim Correia de Brito da Mana comerciante em Loulé e o sr. Eng. Júlio Cristovão Meilha.

Após a cerimónia religiosa foi servido um fino «copo d'água» em casa dos pais da noiva, na Quinta da Torre de Aires (Tavira).

Os noivos fixaram a sua residência nesta vila.

—Na igreja paroquial da Conceição de Faro celebraram no passado dia 26 o seu casamento o sr. Dr. Francisco Manuel Sancho e Brito, distinto advogado nesta Vila, filho do sr. Francisco de Brito da Mana e da sr.^a D. Rosa de Brito Sancho e Brito e a sr.^a D. Maria do Carmo Assis Gusmão, gentil filha da sr.^a D. Julieta Ferreira Fernandes Gusmão e do sr. José Luciano d'Assis Gusmão (já falecido).

Apadrinharam o acto, por parte da noiva o sr. José Correia Pontes importante industrial de Portimão e sua esposa e por parte do noivo o sr. Joaquim Brito da Mana e o nosso director, Dr. Jaime Guerreiro Rua.

Na residência da mãe da noiva foi servido, após a cerimónia do casamento um fino copo da água.

Aos noivos desejamos as maiores felicidades.

—Com muita solenidade realizou-se no passado dia 25 de Dezembro, na Igreja de S. Lourenço de Almancil, o auspicioso enlace matrimonial da nossa conterrânea sr.^a D. Laurida Leal Farrajota, preçada e gentil filha do sr. Francisco Martins Farrajota, conceituado comerciante da nossa praça e, sr.^a D. Maria das Dores Leal Farrajota, com o nosso conterrâneo e prezado assinante em Lisboa sr. Jaime Cristovão Ricardo, funcionário do Banco de Portugal, filho do sr. Francisco Ricardo Bárbara (falecido) e da sr.^a D. Maria da Glória Cristovão Ricardo, residente em Val d'Eguas (Almancil).

Paranifaram o acto por parte da noiva, sua irmã sr.^a D. Maria da Piedade Farrajota Pedro e o sr. Modesto Leal Viegas e por parte do noivo a sr.^a D. Pedrina Duarte Pedro e seu primo sr. José Cristovão Ricardo.

Após a cerimónia religiosa foi oferecido um fino «copo d'água» aos convidados em casa dos pais da noiva.

Os noivos que foram em viagem de núpcias à Espanha fixaram a sua residência em Almada.

Aos novos casais deseja «A Voz de Loulé» as maiores felicidades e uma perene lua de mel.

A Comemoração das Bodas de Ouro do Carnaval de Loulé

EMBORA mais morosamente do que seria para desjar (pois estamos a pouco mais de um mês das festas) prosseguem os trabalhos preparatórios para concretizar as ideias com que se pretende comemorar condignamente o 50.º aniversário das Batalhas de Flores de Loulé.

A Comissão diligencia assegurar, junto da C. P. e da E. V. A., os transportes dos passageiros entre Loulé-Gare e a Vila, de forma a facilitar a vinda a esta terra de maior número de forasteiros.

Como nesses dias todas as camionetes de passageiros são poucas para atender as incessantes carreiras extraordinárias e excursões estudadas a possibilidade de se conseguir autorização para que outros veículos motorizados possam possibilitar o transporte dos passageiros entre a estação e a Vila.

Receita da Festa em Quarteira

Na festa da Noite Andaluzá realizada na Praia de Quarteira, em 5 de Setembro, foi apurada uma receita líquida de 3.194\$40, tendo a bilheteira registado a receita bruta de 8.174\$00.

Este saldo encontra-se em poder da Comissão para ser lançado na receita total das Festas de Carnaval.

A ornamentação vai ter este ano um cunho especial e deve estender-se até à Praça da República. Se possível, tanto a fachada do recinto como parte deste, serão iluminados com projectores e vistosas lâmpadas em cores.

Foi dirigido convite ao Grupo Folclórico Pauliteiros de Miranda e bem assim a um conjunto de Gaiteiros da Galiza, dois números inéditos na nossa província. Conta-se também com a presença dum Grupo de harulhentos e atreadores Zés Pereiras, do norte. Estes 3 números estão em estudo económico, visto os seus contratos, dadas as distâncias, serem bastante onerosos.

Plano de Actividade Turística da Junta de Turismo da Praia de Quarteira para o Ano de 1956

Propôs-se esta Junta no seu plano de actividades para o ano corrente de 1955 dar o seu concurso e solicitar das entidades competentes as medidas precisas para que esta praia seja um pouco daquilo que tanto necessita e tem direito. Infelizmente, devido a dificuldades burocráticas, e faltas de verba não nos foi possível dar, pelo menos, início e alguns desses melhoramentos.

Demolição de prédios em ruínas

E assim não nos foi possível conseguir a demolição dos armazens e casas em ruínas à beira mar a poente e em continuação da Avenida Infante de Sagres. Das últimas trocas de impressões com o Ex.^{mo} Director dos Serviços Hidráulicos em Faro, obtivemos desta entidade a sua melhor colaboração e boa vontade, tendo ficado a obtenção deste melhoramento dependente da entidade que deverá pagar as expropriações a efectuar. Esta Junta espera que a Ex.^{ma} Câmara Municipal de Loulé, disposta como está em prestar à sua única praia concelhia toda a sua colaboração e boa vontade, destinará a verba precisa, que é relativamente pequena, para a indemnização a conceder aos proprietários dos armazens e prédios em ruínas. Enquanto não fôr construído um novo Mercado não vê esta Junta conveniência na demolição do existente, cuja adaptação para tal fim constitui um melhoramento digno de todos os nossos aplausos à Ex.^{ma} Câmara Municipal.

(Continua no próximo número)

+

Agradecimento

Artur Gomes Pablos

Sebastiana da Costa Ascensão Pablos, José João Ascensão Pablos e demais família de Artur Gomes Pablos, profundamente reconhecidos pelas provas de interesse, amizade e dedicação manifestadas durante a doença, no transe do falecimento e no funeral do seu saudoso marido, pai e parente, patenteiam desta forma, a todas as pessoas, a sua gratidão, no justo receio de alguma omissão involuntariamente cometida nos agradecimentos directamente feitos e na impossibilidade de os ter igualmente abrangido na sua totalidade por desconhecimento de algumas moradas e pelo seu elevado número, vêm assim, manifestar a todos a expressão muito sincera do seu reconhecimento.

AGENTES
PRECISAM-SE

Para venda das insuperáveis máquinas TRIUMPH e HAID & NEU, uma maravilha da indústria alemã.

Dirigir à

Sociedade de Máquinas Latino-Alemã, L.^{da}

Rua 5 de Outubro, 88-90

LOULÉ

A vossa beleza realçará
se os vossos vestidos forem
executados com elegância
e bom gosto!

Para o conseguir basta confiar a execução das vossas «toilets» a uma modista cujos conhecimentos de corte e costura lhe garantam aquela «linha» impecável que todas as senhoras apreciam

Em Loulé, pode V. Ex.^a confiar tranquilamente a execução dos vossos vestidos a

Maria Julieta Domingues

Rua do Bocage, 18

(Diplomada pela Escola de Corte Lídia Cabral e com larga prática de costura)

O homem moderno

Que tenha necessidade de escrever, tem ao seu alcance a caneta

MONTBLANC

que representa o máximo de beleza e perfeição dos nossos dias

Pagando suavemente, pode V. Ex.^a adquirir uma esplêndida caneta MONTBLANC na

DROGARIA LIZ

Telefone 76

HUMANISMO Interesses de LOULÉ

(Continuação da 4.ª página)

dia, mas no Renascimento começou a estudar-se segundo um novo método e com um espírito totalmente diferente.

Nesta nova época, começou a ver-se nas obras dos antigos os produtos de uma humanidade harmónica e grandiosa.

O espírito humanista manifesta-se, na sua forma mais definida, como um ressurgimento de paganismo em contraposição com o espírito da Idade Média.

Na Antiguidade, era-se optimista e entusiasta pela cultura, cheio de uma orgulhosa convicção do valor humano e do poder do homem. Na Idade Média, receava-se que o trabalho cultural fosse uma actividade que distraísse o homem da importante missão de salvar a sua alma. O individualismo desaparecia em conceitos místicos e procurava alhear-se da terra para assegurar um lugar merecido na outra vida.

A afirmação do indivíduo e a sua autonomia no Renascimento reflecte-se na educação e assim passa a considerar-se como homem perfeito, o que estiver na posse de si e de todas as aptidões e facilidades de fazer a vida

sob todos os aspectos e até o de alcançar a preponderância sobre todos os outros, mesmo que para isso se servissem do ardil e da mentira e até do próprio assassinio. Esta corrente egocêntrica deu lugar, na Itália, ao aparecimento dos «condottieri» aventureiros armados, que matavam e faziam a guerra em troca de ouro.

Os excessos que se cometeram nessa altura produziram o quadro moral, bastante negro, que caracteriza a vida europeia, e principalmente a italiana, da metade do século XV à primeira metade do século XVI.

O Humanismo representa a primeira manifestação do espírito moderno, que procurou subtrair-se à acção da teologia, de modo que na educação há uma modificação profunda visto, na Idade Média, a filosofia não ter autoridade: era uma escrava da teologia. Este renascimento trouxe à luz o conhecimento de Quintiliano, que, em pedagogia, teve a vantagem de acabar com os castigos que durante a Idade Média eram brutais. Quintiliano recomendava a harmonia entre o desenvolvimento físico e o intelectual.

Vergílio Passos

(Continuação da 4.ª página)

— Construção do estádio do Parque.

— Compra de terreno para realização de feiras.

— Construção de um bairro de moradias económicas, no campo da actual feira.

— Ligações directas e rápidas às auto-motoras e comboios rápidos.

— Melhoria e modernização da iluminação das principais artérias da vila.

— Construção ou adaptação de um edifício para Hotel ou pensão, na vila e em Quarteira.

— Modernização e reforma dos actuais cafés.

— E a passagem a semanário do actual e único órgão de imprensa da nossa terra.

L.

N. R. — Apraz-nos registar os votos acima formulados mas... seja-nos permitido salientar que todos se traduzem fundamentalmente em progressos de ordem material ou de bem estar, mesmo aqueles que envolvem certo carácter social.

E' o espírito da época, o anseio e a preocupação geral.

Entendemos ser pouco, limitadamente pouco...

Parece-nos, por isso dever acrescentar um voto — que se desenvolva o nível intelectual cultural e artístico da nossa gente.

Seria assim interessante que:

a) se criasse a biblioteca Municipal, organizada por forma a servir facilmente o público.

b) se promovessem nela conferências de carácter literário, artístico, religioso e até político, para que no nosso meio se criassem hábitos de bem pensar, aspirações e preocupações mais elevadas, a consciência cívica e até... hábitos de civilidade e boas maneiras.

c) se constituísse ou fundasse uma delegação da Pró-Arte e se auxiliassem as corporações musicais existentes, para cultura do espírito artístico dos louletanos.

d) se criasse a escola técnica e agrícola onde o nosso operário, além duma boa preparação técnica, adquirisse verdadeira consciência profissional.

Sim, porque o homem não deve querer viver só do pão, da técnica e do futebol.

LEIA!
ASSINE!
DIVULGUE!
«A Voz de Loulé»

V. Ex.^a tem já

onde escolher, em Loulé, os óculos que necessite ou deseje usar

VISITE A

OPTICA LOULETANA

Praça da República, 11

onde encontrará um grande sortido de lentes graduadas e para Sol em armações que satisfazem todos os gostos

Colocam-se lentes por receita médica

A Voz... da Saudade

(Continuação da 1.ª página)

dos teus, no Continente, nas Ilhas, em Angola, Moçambique, Macau, Timor, nas Américas do Norte e do Sul, nas Áfricas estrangeiras ou em qualquer canto do globo aonde esta «Voz» chegue, recebe-a como interprete da bênção dos teus pais, do abraço de tua mulher, dos beijos dos teus filhos, da saudade dos teus amigos.

Aceita-os porque vão do coração, e amanhã, quando o sol passar pelas coordenadas do teu lugar, lembra-te que hoje ele iluminou a tua casa na Pátria e beijou as plantinhas dos teus campos.

Recebe este jornal como a voz da saudade da tua terra, que te deseja um Feliz Ano Bom.

José da Costa Guerreiro

(Continuação da 1.ª página)

mento, mas, como membro dum organismo público e da massa social e política do País. não posso deixar de lastimar que, ao lado do desenvolvimento e progresso materiais dos nossos dias, não se tenha procurado criar, através duma sã formação política, uma clara consciência cívico-política nos cidadãos, designadamente nos que constituem o escol, capaz de evitar mal entendidos como os que deram origem ao que se passa. Sem querer fazer mais apreciações, desejo apenas que o Presidente que vier sirva o concelho com a mesma dedicação e entusiasmo que o Sr. Presidente demissionário».

Usou depois da palavra o conselheiro Sr. Amadeu Quintino que, em nome das freguesias, agradeceu a acção desenvolvida pelo Sr. José da Costa Guerreiro

«A Voz de Loulé» — Loulé
N.º 75 — 1-1-1956

Tribunal Judicial
Comarca de Loulé
ANUNCIO

(2.ª publicação)

Pelo Juízo de Direito desta comarca, correm éditos de trinta dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando o reu Rodrigo Miguel Martinho que ao tempo das últimas notícias era solteiro, ausente em parte incerta do Brasil, com ultima residência conhecida no sítio do Ribeiro, freguesia de Boli-queime, desta comarca de Loulé, para no prazo de dez dias, posterior àquele dos éditos, contestar, querendo, a acção de divisão de coisa comum que lhe movem os autores José Gonçalves e mulher Maria da Conceição, e bem assim para dizer o que tiver por conveniente sobre a habilitação requerida pelos autores por terem comprado a Maria de Sousa Nunes e marido José Joaquim Rodrigues a fracção que estes possuíam numa courela de terra de se-
mear e diferente arvoredo no sítio de Alfentes, freguesia de Boli-queime, confrontando, no todo, nascente com José Gonçalves, norte, com estrada, sul e poente com Manuel Gonçalves Pincho, não descrito na Conservatória do Registo Predial e inscrita na matriz rústica sob o art.º 5.994. Os autores pedem que se proceda à adjudicação ou à venda daquela referida courela.

Loulé, 14 de Dezembro de 1955.

O Chefe da 2.ª Secção,

António Ilídio Assis da Veiga
Verifiquei a exactidão:

O Juiz de Direito.

a) Arnaldo dos Santos Lança

ro em benefício das populações rurais.

Este agradeceu a leal colaboração do Conselho Municipal em todas as emergências da administração,

AGENCIA PENINSULAR DE VIAGENS E TURISMO

Rua Conselheiro Bivar, 58— Telefone 216— F A R O

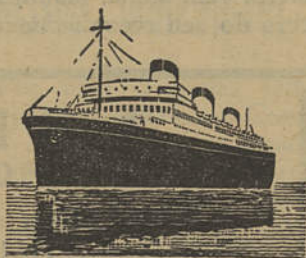
Passagens Aereas, Marítimas e Terrestres para todos os Países da

Europa, Africa, Américas do Norte, Sul e Central.

aos preços oficiais de todas as Companhias.

Obtenção de passaportes e vistos Consulares

Informações gratuitas



Grandes Armazens da Avenida

► Horácio Pinto Gago

Antiga firma PINTO & PEREIRA

Artigos em Ferro Forjado, Maples e Estofos, Colchões Moloflex — Mobílias e móveis desirmanados

CARPETES ~ PASSADEIRAS ~ PERGAMOIDES

— Lustres, Candeeiros de Metal e Madeira, —

Capachos cairo e gelosias (estores) para automóveis de todas as marcas

Arcas, Malas de viagem de lona, Divãs e Colchões de arame

Agente do Famoso Produto SYNTEKO

PREÇOS SEM CONCORRÊNCIA



EDITAL

RECENSEAMENTO ELEITORAL

António Joaquim de Almeida, Chefe da Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Loulé:

Faz saber, nos termos e para os efeitos do art. 10.º da Lei n.º 2.015, de 28 de Maio de 1946, que as operações do recenseamento dos eleitores do **Presidente da República** e da **Assembleia Nacional** para o ano de 1956, terão início em 2 de Janeiro e terminarão em 15 de Março do mesmo ano.

Ao abrigo do disposto nos art.ºs 1.º e 2.º da citada Lei:

São eleitores, e como tal recenseáveis:

1.º— Os cidadãos portugueses do sexo masculino, maiores ou emancipados, que saibam ler e escrever português.

2.º— Os cidadãos portugueses do sexo masculino, maiores ou emancipados, que, embora não saibam ler ou escrever, pagueм ao Estado e corpos administrativos quantia não inferior a 100\$00, por algum ou alguns dos seguintes impostos: contribuição predial, contribuição industrial, imposto profissional e imposto sobre a aplicação de capitais.

3.º— Os cidadãos portugueses do sexo feminino, maiores ou emancipados, com as seguintes habilitações mínimas:

- a) — curso geral dos liceus;
- b) — curso do magistério primário;
- c) — curso das escolas e belas artes;
- d) — curso do Conservatório Nacional ou do Conservatório de Música do Porto;
- e) — curso dos institutos comerciais ou industriais.

4.º— Os cidadãos portugueses do sexo feminino, maiores ou emancipados, que, sendo chefes de família, estejam nas demais condições fixadas nos n.ºs 1.º ou 2.º.

Para os efeitos do disposto neste número, consideram-se chefes de família as mulheres viúvas, divorciadas, judicialmente separadas de pessoas e bens ou solteiras que vivam inteiramente sobre si.

5.º— Os cidadãos portugueses do sexo feminino que sendo casados, saibam ler e escrever português e pagueм de contribuição predial, por bens próprios ou comuns, quantia não inferior a 200\$00.

A prova de saber ler e escrever faz-se:

a) — Pela exibição de diplomas de exame público, feita perante a comissão que funcionará na sede da respectiva Junta de Freguesia;

b) — Por requerimento escrito e assinado pelo próprio, com reconhecimento notarial da letra e assinatura;

c) — Por requerimento escrito, lido e assinado pelo próprio perante a comissão referida na alínea a), desde que no mesmo requerimento assim seja atestado, com a autenticação por meio de selo branco ou a tinta de óleo da Junta de Freguesia;

d) — Pela respectiva declaração nos mapas enviados pelas repartições ou serviços a que se refere o art.º 13.º da citada Lei.

A prova do pagamento referido nos n.ºs 2.º, 4.º e 5.º faz-se:

a) — Pela exibição, perante a comissão de freguesia, dos conhecimentos respectivos, cujos números ficarão anotados no verbete ou processo individual do eleitor.

b) — Pela inclusão no mapa enviado pelo chefe da secção de finanças

Ao marido se levarão em conta os impostos correspondentes aos bens da mulher, posto que entre eles não haja comunhão de bens, e aos pais os impostos correspondentes aos bens dos filhos menores a seu cargo.

A prova das habilitações referidas no n.º 3 faz-se:

Pela exibição do diploma do curso, da certidão ou a pública forma respectiva, perante a comissão a que se refere a alínea a) ou pela declaração respectiva nos mapas enviados pelas repartições ou serviços mencionados no art.º 13.º da citada Lei.

Não podem ser eleitores:

1.º— Os que não estejam no gozo dos seus direitos civis e políticos;

2.º— Os interditos por sentença com trânsito em julgado e os notoriamente reconhecidos como dementes, embora não estejam interditos por sentença;

3.º— Os falidos ou insolventes, enquanto não forem reabilitados;

4.º— Os pronunciados definitivamente e os que tiverem sido condenados criminalmente por sentença com trânsito em julgado, enquanto não houver sido expiada a respectiva pena e ainda que gozem de liberdade condicional;

5.º— Os indigentes e, especialmente, os que estejam internados em asilos de beneficência;

6.º— Os que tenham adquirido a nacionalidade portuguesa, por naturalização ou casamento, há menos de 5 anos;

7.º— Os que professem ideias contrárias à existência de Portugal como Estado independente e à disciplina social;

8.º— Os que notoriamente careçam de idoneidade moral.

Todos os cidadãos com direito a voto, poderão requerer a sua inscrição no Recenseamento, ao Presidente da Comissão Recenseadora, por intermédio das Comissões de Freguesia, e deverão mencionar, além do nome, o dia do nascimento, filiação, profissão, habilitações literárias e morada.

Para constar se publica o presente e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares do estilo.

Paços do Concelho, 17 de Dezembro de 1955.

O Chefe da Secretaria,

António Joaquim de Almeida

A VOZ DE LOULÉ

Mais uma vez atrasado

Apesar dos esforços que empregamos por o evitar, sai o presente número com alguns dias de atraso, o que muito nos contraria, e de que pedimos desculpa aos nossos assinantes.

Notícias pessoais ÁTILA

Aniversários

Fazem anos em Janeiro:

Em 1, o sr. José Manuel Júdice Pontes.

Em 2, o menino Júlio Fernandes Gonçalves Guerreiro e a menina Maria Cardoso Ramos e Barros.

Em 3, o menino Francisco José da Silva Ferreira.

Em 6, a menina Deonilde Morgado Martins.

Em 9, a sr.^a D. Laurinda da Ponte Gonçalves Madeira, residente em Vila Real de Santo António.

Em 10, a menina Orlanda Maria de Sousa Luis dos Ramos, a sr.^a D. Maria Josefina Guerreiro Rua Frade e o sr. Francisco de Andrade Ferreira.

Em 12, as sr.^{as} D. Lídia Costa Nordeste dos Santos Vaz e D. Maria Elizabete Mendes Esteves.

Em 13, a menina Maria de Fátima Barros Gonçalves.

Em 16, o menino António José Vila-Lobos de Carvalho Santos.

Em 17, a sr.^a D. Florinda Maria Aleixo de Sousa, os srs. Jose Manuel Ferreira e Manuel Sérgio Viegas Gago e a menina Maria Sofia Pacheco Magalhães Pinheiro, residente em Faro.

Partidas e chegadas

— Deslocou-se há dias a Lisboa, aonde foi tomar parte num jantar de confraternização de funcionários do Banco Nacional Ultramarino, o nosso prezado amigo e dedicado colaborador, sr. Raul Rafael Pinto, digno Gerente da Agencia daquele Banco, nesta Vila.

— Encontram-se nesta vila a passar as Férias do Natal junto de suas Famílias os estudantes Universitários:

Maria Iolanda Pinheiro Pinto, Leticia Viegas Calço, Maria José Farrajota Laginha, Maria Josefina Rua Frade, Maria Valentina Domingues Garcia, Aida Viegas Calço, Maria Celina Pires, Aida Viegas, Zélia Rico Santana, Maria Francisca da Costa, Raquel Rodrigues de Brito, José Manuel Viegas Inês, José Ramos Madeira, Anibal Cabrita Sequeira, Joaquim Teixeira Junior, Orlando Farrajota Aleixo, António Pedro da Ponte, Manuel Guerreiro Faisca, José Ricardo de Sousa Ferreira, Francisco Manuel Bota Inês, João Ramos Madeira, Jorge Morgado André, Helder Manuel Pinheiro Ramos e Barros, Ventura José Rocheta Gomes, Otiliano Vitória Neto, António Guerreiro Matias, Francisco Manuel Pinto Serra, Diocleciano Pereira da Silva, José Maria Teixeira.

— Da Escola do Exército: António Manuel Pereira Guerreiro; Do Instituto Industrial: Maria Inês Corpes Pereira; Do Colégio Militar: Sebastião Pinto Mendonça Garcia; Do Ensino Secundário: Maria Isabel Judice Pontes, José Manuel Judice Pontes, José Mendonça Louro, Duarte Mendonça Louro, José Lima Faisca, Julio Cavaco Faisca, Daniel Angelino Cortes, Julio Gonçalves Guerreiro; Escola Agrícola de Évora: Amílcar Brito Marum.

— Tivemos o prazer de cumprimentar nesta o nosso conterrâneo e prezado assinante em Vila Real de Santo António sr. José Rodrigues Marques.

— Acompanhado de sua esposa, esteve em Loulé a passar o Natal com seus pais o sr. Dr. João Delgado Guerreiro, nosso prezado assinante em Lisboa.

— Tivemos o prazer de cumprimentar na nossa redacção o nosso prezado assinante no Entroncamento sr. sargento António Martins Inácio.

— Por ter sido colocado nas Minas da Borralha (Braga) retirou para aquela localidade o nosso conterrâneo e prezado assinante sr. Eng.^o Joaquim Farrajota Laginha.

— Tivemos o prazer de cumprimentar na nossa redacção o nosso es-

timado conterrâneo e assinante sr. Joaquim Hipólito Pinto Lopes, residente em Lisboa.

— Afim de assistirem ao casamento de seu irmão, sr. José de Sousa Madeira, estiveram entre nós os srs. Américo, Viriato e Edmundo de Sousa Madeira, nossos conterrâneos e prezados assinantes em Lisboa.

— De visita a sua família, esteve entre nós a sr.^a D. Maria do Carmo Corpes Coelho.

— Com curta demora esteve entre nós o sr. Manuel Mora Fêria, nosso prezado assinante em Vendas Novas.

— Acompanhando de sua esposa sr.^a D. Josefa Espadinha Corpes Pereira deslocou-se há dias a Lisboa o nosso estimado amigo e assinante sr. Manuel Guerreiro Pereira.

— Tivemos o prazer de cumprimentar nesta o sr. Sérgio Silvestre Pedro Madeira.

— Com curta demora também esteve entre nós o nosso prezado assinante em Lisboa o sr. Nuno Andrade Ferreira.

— Acompanhado de sua esposa e filhas esteve entre nós o nosso prezado amigo e estimado assinante em Faro sr. Capitão Fausto Laginha dos Ramos.

— A passar a festa do Natal em casa de seus pais, esteve alguns dias entre nós, o nosso estimado assinante sr. Alvaro de Campos Guerreiro, Chefe de Conservação de Estradas, residente em Sobrosa (Trás-os-Montes).

— Vindo de Moçambique, onde é Director dos Serviços de Saúde, encontra-se entre nós o sr. Dr. Julio Correia Pinto, acompanhado de sua esposa a nossa conterrânea sr.^a Dr.^a D. Maria Armanda Correia Pinto.

— A passar o Natal com sua família também se encontra Loulé a sr.^a Dr.^a D. Maria Amélia Ramos Elias, professora de Educação Física no Liceu de Beja.

— De visita a sua família, esteve entre nós o sr. Dr. Joaquim Azevedo Brito Barracha, acompanhado de sua esposa.

— De visita a seu cunhado, sr. José de Sousa Gonçalves, deslocou-se à Quinta do Ameal o nosso prezado assinante sr. José de Brito Barracha e sua família.

— Vimos nesta o nosso prezado assinante em Leiria sr. José Guerreiro Gonçalves.

— Também se deslocou a Loulé, a fim de passar o Natal em família, a sr.^a D. Maria do Carmo Coelho Corpes.

— Tivemos o prazer de cumprimentar nesta o nosso prezado amigo e assinante em Lisboa sr. Fernando de Aragão Moura Soares.

Pedido de casamento

Pela sr.^a D. Maria de Vilhena Cuba Braz Ramos, foi pedida em casamento para seu filho sr. Joaquim de Vilhena Ramires Ramos, proprietário em Ervidel, a menina Dina Maria Rocha Carapeto, gentil e prendada filha do sr. Adriano dos Santos Carapeto, industrial nesta vila e da sr.^a D. Mariana dos Prazeres Rocha Carapeto. O enlace deve realizar-se brevemente.

Batismo

— No pretérito dia 25 de Dezembro recebeu a bênção baptismal na Igreja da Sé de Faro a pequenina Maria Eduarda, filha da sr.^a Dr.^a D. Maria Lizette Vinhas Pinto Lopes Elias Garcia e do nosso prezado amigo e assinante sr. Francisco Elias Garcia, funcionário da Agencia de Faro do Banco de Portugal.

Apadrinharam o acto o sr. Joaquim Hipólito Pinto Lopes, seu avô paterno e sua tia, sr.^a Dr.^a D. Maria Libânia Vinhas Pinto Lopes.

Para assinalar o acontecimento foi servido em casa de seus pais um fino "copo de água".

PODE, e deve ser o cinema um poderoso meio de divulgação cultural, uma vez que alia à expressividade do diálogo a concretização convincente da imagem. No caso de filmes de carácter histórico torna-se ainda mais acentuada essa convicção, porquanto na reconstituição de épocas passadas conhecidas apenas através de documentos literários, ou pictóricos, o cinema aparece com um poder de comunicação extraordinariamente vivo e eficaz, muito em especial pela pormenorização que pode imprimir ao relatar acontecimentos históricos normalmente apenas conhecidos através de linhas de esqueletização geral, e aos quais o cinema pode dar a particularização da circunstância, focando aspecto que nem sempre a narrativa histórica pode conter, visto que se pressupõe a integração do leitor nos costumes gerais da época descrita, em geral dados em capítulo especial, sendo portanto descaído estar permanentemente a ficar a presença do meio ambiente através de circunstâncias de utensilagem, vestuário, decoração, usos e costumes.

Não quer isso dizer que, por documentos de índole literária se não possa reconstituir um determinado período tanto mais que são precisamente esses documentos que permitem fazer a reconstituição e por eles se afere da sua autenticidade.

Assentemos, porém, que a linguagem cinematográfica é mais rica, mais abundante, mais expressiva e mais circunstanciada e permite, pela comunicação visual, concreta e segura, apreender sem esforço e no curto espaço de momentos aquilo que só extensas e muitas vezes intrincadas leituras poderia aclarar.

Esta característica é, simultaneamente, uma das mais aliadas e das mais temíveis do cinema. Aliante pelas magníficas possibilidades de transmissão de cultura; temível pelo erro que pode inculcar ao falsear a verdade histórica e humana, o que pode levar a uma cabal inversão de valores, porquanto, para o espectador fará naturalmente tendência a pensar que os factos se passaram conforme "viu" com os seus olhos, afirmação de realidade para a qual a página escrita é argumentador de antemão enfraquecido. Por aqui se pode ver das graves responsabilidades que cabem ao cinema na difusão da cultura e na formação da mentalidade do cidadão, molécula da matéria colectiva chamada «cultura de uma época, num momento dado».

J. M. Farrajota Cavaco

(Conclui no próximo número)

Alfarrobeiras

Aceitam-se ofertas para venda de 2 courelas com 430 alfarrobeiras e 50 amendoeiras, na Varzea da Mão, freguesia de S. Sebastião. Mostra Manuel Rosa.

Subscrição para o Carnaval

COMO resultado da circular dirigida aos louletanos ausentes, a Comissão de Festas regista com muita satisfação os donativos a seguir mencionados, prova evidente do bom acolhimento que todos os louletanos de eleição concedem às festas maiores da sua terra:

De Portugal

Dr. José Guerreiro Murta — Lisboa . . .	500\$00
D. Joaquina de Sousa Ramos — Lisboa . . .	50\$00
Joaquim Hipólito Pinto Lopes . . . » . . .	30\$00
A transportar . . .	580\$00

Do Estrangeiro

Idalino Apolónia Casanova (Venezuela) 10 dólares	286\$00
Analide Ramos Martins (Canadá) 1 dólar	28\$60
José Narciso (Canadá) 2 dólares	57\$20
A transportar	371\$80

Atitude perante a vida

Ao Armando José Vicente Duarte

O mundo tal qual é, certo ou errado tem beleza.

Se o futuro é incerto e ignorado, precisamente, é belo na incerteza.

Quem, como eu é tão dado à Fantasia que o que é «rotina», só me inspira (horror, se o Futuro soubesse, de antemão, certamente, este mundo bem pior...

A Vida é luta; antagonismo, dúvida, anseio que se exprime num desejo. Até no Amor há luta e quando há o armistício é firmado... com um beijo.

A morte, a própria morte, tão brutal poucas vezes é bem compreendida... mas pensemos que a morte é afinal o ponto em que começa nova vida.

Alternativas de êxito e insucesso subidas e descidas, Mal e Bem, Glória e olvido, treva e Luz, é o preço que a Vida custa. E tudo a vida tem.

E apesar da amargura, que por vezes nos deixa a alma tão desiludida, no câmbio de vitórias e revezes ela merece a pena ser vivida,

Não há mérito algum, seguramente em caminhar em estrada tapetada,

Se se é homem, ao caminhar em (frente, membros ensanguentados na escalada,

Subir com esforço e dor é que é subir parar jamais e nunca vacilar, Se o «pico» fôr difícil de atingir é que é digno dum Homem lá chegar.

Se nas minhas palavras, a amargura se mostra, às vezes (disso sou culpado) isso pode provar que a Vida é dura, mas jamais que me sinto derrotado.

Sejam quaisquer as forças em disputa dentro de ti, meu rude coração. posso aceitar que quebras nessa luta mas que desvies teu caminho, não...

E tu serás, meu coração arisco, como um corcel, correndo à rédea (solta, salta o obstáculo, embora corras risco mas nunca, mas jamais, vás dar a (volta.

Assim, bravo e leal, de flama erguida, coração, saibas tu ser sempre forte, que ainda que possas não vencer na (Vida transcenderás, porém, a própria morte.

11-11-1955

Pedroso Gonçalves

Aos nossos assinantes

Temos reparado que muitos dos nossos prezados assinantes preferem pagar de uma só vez a sua assinatura por cada um dos anos em curso.

E' um processo prático que evita incómodos para quem paga e é útil para nós, pela despesa e trabalho que nos evita a cobrança trimestral.

Portanto, muito agradecemos a todos os nossos prezados assinantes que desejem pagar anualmente «A VOZ DE LOULÉ», a fineza de nos comunicarem ou remeterem a importância, pelo processo que lhes parecer mais prático,

A remessa do nosso jornal pelo correio, não implica qualquer aumento de preço, mas o mesmo não podemos fazer em relação aos recibos, os quais sofrem um aumento de 1\$50 para despesas de correio e cobrança, seja qual fôr a importância do recibo.

Os preços de assinatura são os seguintes:

Trimestre	7\$00	Ano	(Africa e
Semestre	14\$00		Brasil]
Ano	25\$00	Ano [estrangeiro].	35\$00